**AVALIAÇÃO DO ATAQUE DE FUNGOS MANCHADORES A MADEIRAS DE TRÊS ESPÉCIES AMAZÔNICAS EXPOSTAS EM CAMPOS DE APODRECIMENTO**

Clívia Suelem Feitosa de Araújo1; Anthony Barbosa da Silva2; Ítalo Sousa de Carvalho3;

Selma Lopes Goulart6.

1. Bolsista PIBIC, Graduando em Engenharia florestal, Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas, e-mail: cliviasuelem.1@gmail.com; 2. Bolsista PIVIC, Graduando em Engenharia florestal, Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas, e-mail: atae.sarangly@gmail.com; 3. Graduando em Engenharia florestal, Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas, e-mail: italocks8@gmail.com; 6. Selma Lopes Goulart, Departamento de Engenharia Florestal, Campus Parauapebas, Universidade Federal Rural da Amazônia, e-mail: lopesgoulart@yahoo.com.br.

**RESUMO:** as características químicas e anatômicas da madeira, associadas a elevados teores de umidade, propiciam o desenvolvimento de fungos manchadores. Esses crescem em células parenquimáticas do alburno e se alimentam de carboidratos contidos no citoplasma através da formação de hifas. As quais liberam pigmentos que vão da escala de cinza à azulada. Esse tipo de fungo é um dos primeiros a atacar a madeira após o corte da árvore. Apesar de após o ataque e colonização de fungos manchadores na estrutura do lenho, esse não apresentar uma perda significativa de suas propriedades mecânicas, estudos apontam um aumento de permeabilidade, o que pode estar relacionado aos ataques posteriores de outros organismos xilófagos mais agressivos à estrutura do material. Além de culminar na redução de seu valor econômico, pois, o padrão estético da madeira sem manchas ainda é a preferência no mercado. Considerando esses aspectos, este estudo foi desenvolvido com o intuito de avaliar o desenvolvimento de fungos manchadores no período inicial de exposição da madeira de três espécies amazônicas às condições ambientais de floresta nativa e plantio de eucalipto. Os campos de apodrecimento foram implantados na Universidade Federal Rural da Amazônia – Campus Parauapebas. O primeiro em um plantio de eucalipto, o outro em um fragmento de floresta secundária. Dentro das áreas de experimentais os corpos de prova das madeiras de marupá - *Simarouba amara* Aubl., amarelão – *Euxylophora paraenses* Huber e muiracatiara – *Astronium lecointei* Ducke, foram dispostos enterrados, sobre serapilheira e suspensos em varais. Foram quatro repetições de cada espécie, sendo cada uma composta por três corpos de prova para homogeneizar a amostra. Totalizando 108 corpos de prova por área. Após os 50 dias a partir da implantação, os corpos de prova foram recolhidos e levados até o laboratório multiusuário de química para análises. Dentre as quais foi avaliado o grau de ataque por fungos manchadores, seguindo os critérios da escala de notas proposta por Benko e Highley (1990); a qual vai de 0 a 3. Sendo 0 - sem manchas visíveis nos corpos de prova, 1 e 2 – estágios intermediários de manchas e 3 com mais da metade da área superficial manchada. A espécie mais manchada por fungos nos dois campos de apodrecimento foi a *Simarouba amara* Aubl., com notas das amostras em contato com o solo (amostras enterradas e sobre serapilheira) na faixa de 2 e 3; e as suspensas entre 1 e 2. As amostras da espécie *Euxylophora paraenses* Huber em contato com o solo nas duas áreas, apresentaram notas 2 e 3. As suspensas, entre 0 e 1. As amostras da espécie *Astronium lecointei* Ducke em contato com o solo, apresentaram notas entre 1 e 2 para o plantio de eucalipto e, notas 0 e 1 para a floresta; as amostras suspensas não apresentaram manchas aparentes por fungos (notas 0). Madeiras em contato com o solo são mais atacadas por organismos xilófagos desde poucas horas depois da exposição inicial ao ambiente. Tal padrão pode ser observado também nos resultados da pesquisa aqui exposta.

**PALAVRAS-CHAVE:** organismos xilófagos; escala de notas.